

## ARTIGOS

### CHÃO DOS LOBOS

Luís Heleno Montoril del Castelo<sup>1</sup>

*Puxa pelo barbante a folha do portão: no encharcado, o correr de quartinhos de madeira com o magro alpendre, é a estância. Aí, no 2, a vinte o aluguel, guardou-se. Arma a rede, embala-se, telhados, velas, lençóis se misturam no cochilo.*  
(Dalcídio Jurandir, Chão dos Lobos, p.7)

*Aqui dentro o cata-vento não é senão a febre girando, moendo o Ginásio, o chalé, o Não-se-assuste... Dezoito anos?*  
(Dalcídio Jurandir, Chão dos Lobos, p.228)

A cidade dos lobos é um ânus. “Não-se-assuste”, o cortiço, é uma das suas pregas onde delira Alfredo, de uma febre, dentro de uma rede-crisálida. O homem lobo do homem faz parte desse delírio em que o corpo absoluto da lei de um Estado há muito tempo presente e irradiado nas constantes cobranças de taxas de marinha se faz presente e é resistido pelo que produz: seu excremento. A intolerância ao poder de um Estado-lobo-alfa explode dessa máquina delirante, a começar desde seu primeiro paradoxo: “Sempre ausente do ginásio, às aulas não faltava”<sup>2</sup>. Presença-ausência de Alfredo a multiplicá-lo e multiconstituí-lo em muitas realidades dentro-fora dessa cidade, em espaços e tempos vividos e aspirados. Dentro-fora de uma história em parte constituída de domínios institucionalizados, em parte de uma outra história produzida pelos modos de ser e de viver das culturas da margem e ao pé do Absoluto.

Uma das suas figurações se faz presente em Parsifal, o cara-de-índio que cata o Absoluto no Ginásio Paes de Carvalho. Sua passagem na obra precisa ser extraída desse enredo entrecortado, iniciada após o retorno de Alfredo de uma de suas lembranças, quando se vê no encharcado do Não-se-assuste a busca de entendimento sobre a juventude, nesse buraco de “urubus no pouso”; de uma “vesga inclinada na torneira”; com manhãs lentas propagadas pelas aulas.

Antes dessa passagem de Parsifal, a cidade dos lobos se revela pelo olhar de Alfredo sobre os meninos de dez anos de idade que limpam os capins das ruas, vigiados por “um velho guardador de carneirinhos sujos que pastavam aquele capim por entre os paralelepípedos”<sup>3</sup>. Os meninos-cordeiros e os lobos são escritos desde esse ponto em que o exercício de poder é fatal para os “menores”. Candoca, morador do Não-se-assuste, é um dos meninos que após capinar ia para o cais atrás de serviços para a compra de mantimentos. Candoca era devolvido à infância quando de noite soprava uma flauta rachada recolhida no lixo.

---

<sup>1</sup> Professor do Instituto de Ciências da Linguagem-Universidade Federal do Pará. Email: [heleno@ufpa.br](mailto:heleno@ufpa.br).

<sup>2</sup> JURANDIR, Dalcídio. *Chão dos lobos*, Rio de Janeiro: Record, 1976, p. 5.

<sup>3</sup> Idem, *ibidem*. p. 24

Somado a esses *deliramentos*<sup>4</sup>, um outro estimula a evocação do Absoluto, um outro Absoluto, é uma parada dos colégios de Nazaré e São Jerônimo, com banda de música, escoteiros (que foram lobinhos), bastão, tambor, bandeira e padres a passar no momento em que o grupo dos ferrinhos, os meninos capinadores, estava a trabalhar. É esse cortejo que ao provocar o espanto no menino Candoca-Alfredo leva o olhar de Alfredo para dentro do Liceu, mais precisamente para seu pátio. O olhar de Alfredo escuta:

Alfredo olhando. Entrou no Liceu: O Absoluto existe! Existe um princípio onisciente, uma ciência perfeita, uma sabedoria total... Era o veterano falando, esmirrado, rouco, no pátio, puído o uniforme, sempre errado o passo militar.<sup>5</sup>

Alfredo retornava ao pátio vindo de fora e de um outro tempo, trazia consigo o som dos ferros dos meninos capinadores, o espanto de Candoca “esmagado pela parada escolar”, as batinas-mortalhas dos padres desse desfile a encobrir o Ginásio. Trazia também os lamaceiros das pregas da cidade dos lobos. Esse *ritornelo*<sup>6</sup> permitiu-o ver o bando de lobos se aproximarem do veterano, um deles, aluno do quarto ano, quis tirar a prova da virgindade de Parsifal. Na fala desse casto wagneriano que atravessa a evocação-narrativa de Alfredo-Dalcídio, uma fala hamletiana corta e entrenfeixa esse já estriado tecido de seu delírio: “é meu irmão que espalha a verdade, quando só a quero para mim”. É aí nesse espaço que os meninos-lobos figurarão o exercício do poder-matilha recortado por mais uma das suas cenas, a do confronto de Alfredo e um colega de nome Pereirinha, o da revista *Belemita*, esse colega-editor de revista manuscrita, com ares de maldita e de nome bíblico, proscrito na periferia da cidade, que andava sempre com um Bilac ao braço, e que dentro dos seus livros levava sonetos de Augusto dos Anjos, com o temor de ser descoberto pela matilha de belerofontes do Liceu. Alfredo e Pereirinha, “num esforço de se aproximarem, cada vez mais se separavam”<sup>7</sup>, separação que teve sua culminância com a luta de saberes: à pergunta sobre o conhecimento de Byron, Alfredo indaga se não seria o nome de um clube de futebol em Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. Pergunta e resposta que não se encontram “entre os nomes das canoas do Ver-o-Peso”<sup>8</sup>. Erros, falhas e falseamentos que levam a perceber também as ressonâncias de um certo Romantismo que pode vir por intermédio de Byron ou Isidore-Lucien Ducasse, o conde de Lautréamont, para dizer sobre essa juventude que se abriga sob o estigma da demolição, do estilhaçamento, das rupturas e cortes incompreensíveis:

Este livro, composto no claustro dos liceus sobre o *pathos* do ódio à repressão é, no sentido mais amplo da literatura, um Canto à subversão, um Canto à liberdade e pode ser apreciado como o desabafo de um adolescente que não teve escolhas, como se percebe no fragmento: “Quando o aluno interno, em liceu, é governado por anos que são séculos, do amanhecer até a noite e da noite até o dia seguinte,

<sup>4</sup> Termo nomeado por mim para definir essa forma imprecisa que não pode ser nomeada por figurações, significações, em virtude de não se ter certeza, por exemplo, se Candoca é um dos meninos ou mais um dos elementos cruzados das experiências, reminiscências, fato socialmente existente na cidade ou mesmo da realidade delirante produzida.

<sup>5</sup> JURANDIR, Dalcídio. *Chão dos lobos*, 1976, p. 25.

<sup>6</sup> Gilles Deleuze e Félix Guattari escreveram em *Mil platôs* sobre a necessidade de fixar um ponto-centro em meio ao caos. Aqui toma-se emprestado o termo *ritornelo* para ler essas intermitentes idas e vindas de Alfredo em busca de territorializar-se. O *ritornelo* pode ser esse movimento em direção ao equilíbrio do centro ou mesmo de um princípio, algo como o movimento musical de retomar o canto, o dito, o escrito, o vivido desde um trecho já percorrido. Cf. DELEUZE e GUATTARI. *Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. São Paulo: 34, 1997. p. 115-170.

<sup>7</sup> JURANDIR, Dalcídio. *Chão dos lobos*, 1976, p. 27.

<sup>8</sup> JURANDIR, Dalcídio. *Chão dos lobos*, 1976, p. 27.

por um pátria da civilização, que não tira os olhos dele, sente as ondas tumultuosas de um ódio vivaz, a subir como uma fumarada espessa até o seu cérebro, que lhe parece a ponto de estourar. De dia seu pensamento se lança por sobre as muralhas da morada do embrutecimento, até o momento em que escapa, ou em que o expulsam, como a um empestado desse claustro eterno.”<sup>9</sup>

*Os cantos de Maldoror* fazem parte das séries textuais evocadas: Parsifal de Wagner; Stephen Dedalus de Joyce; o último verso da Divina Comédia, *l'amor que muove il sole e l'altre stelle*, de Dante; Byron, Bilac, Platão, Gandhi e o delírio de Alfredo se torna também toda a rede de uma malha textual. Aí se tem a cidade dos lobos pela experiência-remissiva de Alfredo, com o absoluto duplamente representado pelo poder absoluto do Estado e pelo exercício de poder que põe à prova a juventude em seus muitos ritos de passagem, significada fortemente pelas ressonâncias do Absoluto como estado de pureza e castidade a ser conservado para o desvendamento da verdade, que existe em si mesma.

E Alfredo é o móvel cuja trajetória está indecisa e imprecisa nesse campo de absolutos. “Alfredo, entre esquivo e zombeteiro, um pouco aturdido de si mesmo, subia-descia no Liceu entre o logro das aulas e o suado alarido do pátio”.<sup>10</sup> Esse Alfredo que trazia consigo o canto surdo dos ferrinhos-capinadores, cordeirinhos oferecidos em sacrifício àquela pátria da civilização de que falou Lautréamont na citação anterior, é posicionado ao pé do Absoluto, um terceiro, que se revela pelo outro nome O cara-de-índio, diante do qual o pátio do colégio se tornava mais sujo. No cara-de-índio tem-se um traço possível do rosto do processo civilizatório, aquele duplamente constituído pelo apagamento e pelo novo desenho figurado nesse índio-Parsifal, elemento composto que ironicamente carrega a máscara do Absoluto e da pureza. Ao pé do Absoluto, eis o posicionamento de Alfredo que diz sobre a localização emblemática de estar no limiar, nessa fronteira em que o indefinível e o impreciso se constituem pelos elementos múltiplos que o compõem, no caso de Alfredo, solicitados também de sua experiência intermediária entre o pai branco e a mãe negra; entre os campos de Marajó e a cidade de Belém; entre o desejo utópico dessa cidade e o seu desencanto metropolitano; entre a mãe verdadeira D. Amélia e a postiça Lucíola; entre as cenas culturais de traço popular e de expressão e circulação orais guardadas pela memória e os catálogos do pai e a cidade letrada do Liceu e Ginásio em Belém. Nessa fronteira, Alfredo leva a irmã morta e as meninas intolerantes aparecidas em outros romances de Dalcídio Jurandir, intolerantes à ordem de um certo humanismo depurador e normatizador de suas naturezas desejantes: Luciana, Libânia, Andreza, Roberta e também a figura emblemática dessa resistência, sua parente Mãe Ciana que atravessa a cidade de Belém com seus cheiros.

Ao tratar do local da cultura, mais especificamente no capítulo de sua definição e conceituação, Homi Bhabha<sup>11</sup> escreveu sobre a literatura que se produz nas fronteiras, sob essa condição liminar, dominada pela difícil definição de uma identidade. Essa literatura produz a figuração dessa situação em que o sujeito é atravessado pela multiplicidade, e seu corpo é dominado pelo movimento. *Chão dos Lobos* é todo movimento, entradas e saídas que já vinham sendo abertas nos romances anteriores de Dalcídio Jurandir que aqui são intensificadas sem condescendência com o leitor. Mas é preciso se deter mais nessa instância vicária do signo em que *Chão dos lobos* permite sua substituição e encaminha-se para a fronteira, do que na combinação delimitadora obra literária-Dalcídio. As múltiplas entradas e saídas, a intensidade dos movimentos, a máquina delirante, o posicionamento-limite, as evidências dos restos dessa cidade evacuada pelo lobo-alfa-civilização e

<sup>9</sup> Ruy Câmara, Prólogo para *Los Cantos de Maldoror* Isidore Ducasse - Conde de Lautréamont Edição espanhola: BELACQVA, trad. Manuel Serrat Crespo. In: <[http://www.maldoror.org/LOS\\_CANTOS.pdf](http://www.maldoror.org/LOS_CANTOS.pdf)>.

<sup>10</sup> JURANDIR, Dalcídio. *Chão dos lobos*, 1976, p. 29.

<sup>11</sup> BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 1998.

finalmente a linha de fuga traçada por Alfredo no final do romance quando da sua saída para o Rio de Janeiro, ativam uma outra compreensão da história.

A compreensão de que a cidade dos lobos é um ânus escorrendo na América cuja recidiva histórica tem produzido seu lixo. Algo como o que diz Mario Vargas Llosa sobre o produto da civilização.

el objeto emblemático de la civilización y el progreso no son el libro, el teléfono, el Internet ni la bomba atómica, sino el excusado. Dónde vacían su vejiga y sus intestinos los seres humanos es el factor determinante para saber si están todavía en la barbarie del subdesarrollo o han comenzado a progresar.<sup>12</sup>

Não se trata de montar a cena panfletária gasta da civilização e barbárie, mas ativar o signo dessa recidiva em que o processo civilizatório tem sido acionado pelo exercício de poder de uma parte sobre outra, em que seus restos ou espólios tem deixado seus rastros e podem ser visualizados desde o ponto de intercessão entre o ânus e o falo. Trata-se mesmo de uma “curiosa interpretación de la historia a partir del excremento humano” (Llosa, texto citado).

Mas na cidade dos lobos essa história é atravessada pelo delírio de Alfredo em que o inconsciente é propagado pelas “multiplicidades moleculares”, termo utilizado por Deleuze e Guattari para ler o caso clínico do homem dos lobos, relatado por Freud<sup>13</sup>. Dessa leitura vale a pena extrair o trecho a seguir para esclarecer esse ponto entrecruzado cidade-história-inconsciente; ânus-falo-delírio.

O que é importante no devir-lobo é a posição de massa e, primeiramente, a posição do próprio sujeito em relação à matilha, em relação à multiplicidade-lobo, a maneira de ele aí entrar ou não, a distância a que ele se mantém, a maneira que ele tem de ligar-se ou não à multiplicidade.<sup>14</sup>

Certamente Alfredo não pára, na cidade-chão dos lobos ele se desloca mais intensamente e mais rapidamente que nos outros romances anteriores: *Chove nos campos de Cachoeira, Três casas e um rio, Belém do Grão-Pará, Passagem dos inocentes, Primeira manhã, Ponte do galo, Os habitantes*. Deslocamento que busca uma saída e tem sua culminância na linha de fuga traçada em direção à cidade do Rio de Janeiro, no romance *Chão dos Lobos*.

Mas é preciso se deter um pouco ainda nesse devir-lobo de Alfredo tentando pensá-lo pela sua multiplicidade e movimento definidores desse deslocamento do exercício do poder a deslocar também o chão dos lobos de demarcações coloniais para um tempo e espaço que se realiza pela condição pós-colonial. Um discurso produzido desde esse plano do inconsciente delirante e produtor de uma realidade alteradora da ordem desde muito tempo aceita ou instituída por uma lógica de centralidade. É tal deslocamento e movimentação que irá permitir utilizar Deleuze e Guattari citados, porque se tem um trajeto movediço nisso tudo de lobos, de chão dos lobos, de habitar um território deslizante, de delírios, de febres e de *redes*. Algo dito pelos autores dessa forma: “...o Homem dos Lobos é também aquele que em seu segundo episódio, dito psicótico, observará constantemente as variações ou o trajeto movediço dos buraquinhos ou pequenas cicatrizes na pele de seu nariz”.<sup>15</sup>

<sup>12</sup> MARIO VARGAS LLOSA. "El olor de la pobreza". Jornal El País, 19-11-2006.

<sup>13</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. “1914 – Um só, ou vários lobos?”. In: *Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995, p. 40.

<sup>14</sup> Idem, ibidem. p. 42.

<sup>15</sup> Idem, ibidem. p.41.

A condição de viver em Belém forma esse *éthos* cultural, de ser, viver e produzir uma realidade, uma textualidade e uma discursividade desde essa cidade-ânus, que não é toda a cidade, mas sua parte menos sedutora para aquele Alfredo das cidades imaginadas dos campos do Marajó. Algo como a cidade de mãe Ciana observada anteriormente.

A cidade de mãe Ciana põe Alfredo diante de um antigo território, aquele que o deixa encharcado e pesado de lama, que abre as feridas da febre, a imobilidade da rede e o alheamento do caroço de tucumã. O passado da cidade moderna em meio à selva é um imaginário tear na infinita escuridão; o passado da cidade de mãe Ciana é a violência e o morticínio. Um passado que permanece nas bordas da cidade de Belém de 2003, com 8% dos domicílios da Região Metropolitana sendo atendidos por rede de esgoto de acordo com pesquisa do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon)<sup>16</sup>. As feridas de Alfredo estão abertas em 2003 através das infecções intestinais e parasitárias, diarreias, hepatites, febre tifóide, micoses e otites provenientes da falta de saneamento.

Em *Chão dos Lobos*, é preciso que o delírio e o discurso dele produzido, não sirvam de meros artifícios de linguagem senão o corte inapelável dado à aventura despótica da identidade que se realiza em um centro de poder a produzir o texto de uma cidade há muito escrita. Mais ainda, compreender o que esse signo é capaz de recolocar sobre o exercício do poder na Amazônia e as muitas estratégias de resistência, confronto ou alheamento. Talvez seja o caso de compreender bem essa saída de Alfredo para o Rio de Janeiro como mais um de seus deslizamentos em horizontal, em andamento diferente daquele dos seus sonhos (alguns bem edipianos) cada vez mais distantes de Cachoeira, de *Chove nos Campos de Cachoeira*. Esse delírio, essa saída, essa cidade dos lobos trazem mais uma vez Deleuze e Guattari e suas agudas compreensões sobre as intensidades, velocidades, temperaturas, distâncias e suas relações com a cidade-ânus e o menino.

O lobo, os lobos são intensidades, velocidades, temperaturas, distâncias variáveis indecomponíveis. É um formigamento, uma inflamação. E quem pode acreditar que a máquina anal nada tenha a ver com a máquina dos lobos, ou que os dois estejam somente ligados pelo aparelho edipiano, pela figura demasiado humana do Pai? Porque, enfim, o ânus também exprime uma intensidade, aqui a aproximação de zero da distância que não se decompõe sem que os elementos mudem de natureza. *Campos de ânus assim como matilha de lobos*. E não é pelo ânus que o menino está ligado aos lobos, à periferia?<sup>17</sup>

Os autores dão continuidade a justificar que as multiplicidades, linhas de fuga, desterritorializações e devires produzem as linhas emaranhadas. *Chão dos Lobos* merece ser melhor ativado. Recolocá-lo dessa maneira traz ganhos enormes para se pensar sobre escrever desde a periferia e sob a condição menor. Escrever e “encontrar seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio patoá, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto”<sup>18</sup>.

Seria talvez o caso de se perguntar se o absoluto que experimenta Alfredo é o nada produzido da relação com a cidade em que o princípio romântico da vida é colocado à prova. Um certo niilismo cujo estado da técnica é testado nas cidades de Belém e Rio de Janeiro, no corpo multiplicado de Alfredo, em que a natureza inteiramente realizada, a realidade coerentemente construída, deus e o homem estão encurralados. Alfredo é esse corpo que carrega a periferia consigo, as margens e a existência dissolvente; são esses elementos a força que o

<sup>16</sup> JORNAL O LIBERAL. Belém, 8 de Junho de 2003. Caderno Atualidades. p. 11.

<sup>17</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. “1914 – Um só, ou vários lobos?”. In: *Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: editora 34, 1995, p. 45.

<sup>18</sup> DELEUZE ET GUATTARI, *Kafka, por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 28-29.

movimenta, com um inevitável paradoxo de deslocamento em direção ao centro e seu posicionamento persistente à margem. Entrar-sair, estar ausente-presente, partir-ficar...<sup>19</sup>

“ausente do ginásio, às aulas não faltava” (p.5)  
 “tão perto por isso mesmo mais separado” (p.5)  
 “o barco afundava na memória, subia o rosto da mãe” (p.5)  
 “gostaria de fazer seguro aí, que é o que tem de mais inseguro nesta cidade” (p.14)  
 “num esforço de se aproximarem, cada vez mais se separavam” (p.27)  
 “Roberta, quanto mais se fazia de aluna menos era” (p.97)  
 “só bem ri quem muito chorou sem ter chorado” (p.188)

Jean-François Lyotard, em *Moralidades pós-modernas*, no capítulo “Periferia”<sup>20</sup>, ao escrever sobre a megalópole e seu estilo periférico, e sobre a condição de existência da arte, literatura e filosofia nesse espaço, observa que a periferia é o lugar do qual são originadas as queixas. Mais ainda, um lugar-limite onde “os relevos e os ingredientes do festim metafísico e urbanista cruzam seus destinos”<sup>21</sup>. Lyotard movimentou seu texto e chegou à megalópole, seu uso para a leitura de *Chão dos lobos* possibilita suplementar a compreensão de que a periferia, inclusive nesse romance, é o texto-discurso, em parte estético, do alargamento desse limite não circunscrito exclusivamente *urbi et orbi*, senão ao sujeito-corpo individual e coletivo. Esse é o caso de Alfredo, na cidade do Rio de Janeiro, a procura da Rua do Livramento, assolado pelo túnel que o recoloca no Chão dos Lobos, agora retornado pela lembrança de uma doce nostalgia, e joga mais uma vez de um presente de experiências de uma cidade-queixa e o passado de um tempo a ser suturado. A cidade dos lobos está na capital federal do Brasil, na experiência zarolha de Alfredo. O olhar periférico é estrábico, Alfredo é o texto-discurso escrito dessa periferia que atravessa essas cidades-capitais.

Que anoiteceu, entrou no túnel que o recebe com os mesmos gritos, ou sai de mim esse clamor? Os pratos giram. Outubro, Círio, em Belém roda no túnel a Berlinda, o Carro dos Milagres, o brigue dos serafins, mulatal do Jurunas, as descalças de São Brás, a Mãe Ciana atrás do seu Lício, os bêbedos e raparigueiros do arraial, a cabeça do Arcebispo, as cadeiras de embalo na Sociedade do Descanso, as bandas de música, os Alcântaras mais gordos, todos dentro do túnel que devora a procissão. O túnel reboa.<sup>22</sup>

Esse túnel-ciranda é mais uma máquina delirante com a qual se insere no corpo dessa cidade do Rio de Janeiro um impossível retorno e também uma impossível natureza primeira preservada. Aí está o caso de pensar que essa cidade dos lobos, essa cidade-ânus, cidade-periferia de *Chão dos lobos* está marcada para sempre com ferrinhos de meninos-lobos a produzir os campos de rastros. Daí resulta a mobilidade própria dos lobos, agora não reduzido ao único poder, mas a sua multiplicidade. Mobilidade e multiplicidade presentes na linha de fuga projetada nas palavras finais do romance: “Corre no cais, um cargueiro, pulou a bordo”<sup>23</sup>.

<sup>19</sup> Todas os trechos a seguir foram extraídos de JURANDIR, Dalcídio. *Chão dos lobos*, 1976.

<sup>20</sup> LYOTARD, Jean-François. *Moralidades pós-modernas*. Campinas: Papirus, 1996.

<sup>21</sup> Idem, *ibidem*. p.24.

<sup>22</sup> JURANDIR, Dalcídio. *Chão dos lobos*, 1976. p. 290.

<sup>23</sup> Idem, *ibidem*. p. 291.

**Referências**

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 1998.

CÂMARA, Ruy. Prólogo para *Los Cantos de Maldoror* Isidore Ducasse - Conde de Lautréamont Edição espanhola: BELACQVA, trad. Manuel Serrat Crespo. In: [http://www.maldoror.org/LOS\\_CANTOS.pdf](http://www.maldoror.org/LOS_CANTOS.pdf).

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. São Paulo: editora 34, 1995.

DELEUZE e GUATTARI. *Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. São Paulo: 34, 1997.

DELEUZE ET GUATTARI, *Kafka, por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

JURANDIR, Dalcídio. *Chão dos lobos*, Rio de Janeiro: Record, 1976.

LYOTARD, Jean-François. *Moralidades pós-modernas*. Campinas: Papyrus, 1996.

MARIO VARGAS LLOSA. "El olor de la pobreza". *Jornal El País*, 19-11-2006.